

## INCIDÊNCIA DE VARIANTES AMBIENTAIS FAMILIARES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM ESCRITA/LEITURA

Renata de Lourdes Costa de Menezes<sup>124</sup>  
Evangalina Maria Brito de Faria<sup>125</sup>

### RESUMO

As dificuldades de aquisição da linguagem escrita e de leitura constituem-se enquanto causa do fracasso escolar de crianças no sistema formal de ensino. Nesse quadro de referência, partimos do pressuposto de que o envolvimento parental e a organização do lar em geral tem impacto direto no desempenho escolar do sujeito. Logo, o objetivo desse estudo é verificar a incidência de variantes ambientais familiares no processo de aquisição de linguagem escrita/leitura. Para tanto, foram analisadas oito entrevistas de anamnese, conduzidas em uma clínica-escola de psicologia, com famílias de crianças encaminhadas para serviço de psicoterapia com queixa de dificuldades na aquisição de escrita/leitura. A análise dos dados considerou as informações demográficas das famílias e as variáveis: 1) envolvimento e interação parental; 2) presença de recursos no ambiente físico; e 3) eventos adversos na vida pessoal e familiar da criança. A presença ou ausência dessas variáveis foi considerada como significativa para a ocorrência ou não de dificuldades de escrita e de leitura. Os resultados indicam correlação entre as variáveis do ambiente familiar e desempenho acadêmico. Sugerem que a aquisição da linguagem escrita está consubstancialmente atrelada ao convívio saudável e à interação com os pais, à oferta de recursos no ambiente físico e à ausência de condições adversas na vida pessoal e familiar da criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de linguagem. Escrita. Leitura. Ambiente familiar.

### ABSTRACT

The difficulties of written language acquisition and reading are up while cause of school failure for children in the formal education system. Within this framework, we assume that parental involvement and home organization generally has a direct impact on the academic performance of the subject. The objective of this study is to determine the incidence of family environmental variables in the process of acquisition of written language and reading. Therefore, we analyzed eight anamnesis interviews conducted in a clinical psychology school with families of children referred to clinical psychology service because of difficulties in the acquisition of reading and writing. Data analysis considered the demographics and family variables: 1) parental involvement and interaction, 2) presence of resources in the physical environment, and 3) adverse events in personal and family life of the child. The presence or absence of these variables was considered significant for the occurrence of difficulties in reading and writing. Results show correlations between family environment and academic performance. Suggest that language acquisition is written consubstantially linked to living healthy and interaction with parents, the provision of resources in the physical environment and the absence of adverse conditions in the personal and family life of the child.

**KEYWORDS:** Acquisition of language. Writing. Reading. Family environment.

## INTRODUÇÃO

As dificuldades de aquisição de linguagem escrita/leitura constituem-se enquanto causa do fracasso escolar de crianças no sistema formal de ensino. No Brasil, o elevado número de estudantes com baixo desempenho acadêmico em escrita e leitura é um dos fatores do abandono escolar de muitos alunos. De tal maneira, é relevante a investigação sobre os desafios que o processo de ensino-aprendizagem impõe, em especial ante a condição de integração social implícita ao manejo da língua.

---

<sup>124</sup>Psicóloga e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB). renata.lmc@ig.com.br

<sup>125</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB). evangelinab.faria@gmail.com

Consideramos, nesse estudo, que saber ler e escrever ultrapassa saber codificar e decodificar a grafia e que o domínio da leitura e da escrita refere-se à possibilidade de o sujeito exercer essas ações de forma significativa e prazerosa, fazendo uso efetivo dessa modalidade de linguagem. Logo, essas habilidades, longe de apresentarem-se apenas como capacidades mecânicas, promovem modos diferentes e mais abstratos das pessoas desenvolverem suas relações interpessoais e internalizarem o conhecimento (VYGOTSKY, 1991, 1993; FERREIRO & TEBEROSKY, 1999; TOMASELLO, 2003; BRONCKART, 2006).

A associação entre dificuldades de aquisição de linguagem escrita/leitura e variáveis do ambiente familiar constitui importante tema de pesquisa, notadamente no que diz respeito ao conhecimento e ao reconhecimento sobre o que pode facilitar ou impedir a aprendizagem do sujeito. Ambos os indicadores abordam questões centrais da infância interessando à Linguística e à Psicologia numa zona de interface. Sobretudo porque, em geral, as dificuldades enfrentadas pelas crianças no processo educacional resultam numa elevada demanda por serviços especializados de psicologia, cuja queixa principal é genericamente denominada “problemas/dificuldades de aprendizagem”.

Nesse quadro de referência, partimos do pressuposto de que o envolvimento parental e familiar e a organização do lar em geral tem impacto direto no desempenho escolar do sujeito. Em particular, porque já é reconhecido o paralelismo entre aquisição da linguagem verbal nos primeiros anos de vida e: a) a importância dos pais como interlocutores principais; b) o fluxo de estímulos a que a criança é submetida; e c) os veículos de informação acessíveis ao indivíduo. Assim, o objetivo desse estudo é verificar a incidência de variantes ambientais familiares no processo de aquisição de linguagem escrita/leitura.

Para tanto, lançamos mão de uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa na qual foram analisadas oito entrevistas de anamnese conduzidas em uma clínica-escola de psicologia, inserida em uma instituição de formação universitária, com famílias de crianças encaminhadas para serviço de psicologia clínica por motivo de dificuldades na aquisição de escrita/leitura, cujos responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação em estudo científico. A fim de manter uma postura ética e a confidencialidade dos envolvidos, será garantido o mais absoluto sigilo sobre todo e qualquer dado de identificação.

A análise dos dados considerou as informações demográficas da família e as variáveis: 1) envolvimento e interação parental; 2) presença de recursos no ambiente físico; e 3) eventos adversos na vida pessoal e familiar da criança. A presença ou ausência dessas variáveis foi

considerada como significativa para a ocorrência ou não de dificuldades de aquisição de linguagem escrita/leitura.

Os resultados indicam correlação entre as variáveis do ambiente familiar e desempenho acadêmico. Sugerem que a aquisição de linguagem escrita/leitura está consubstancialmente atrelada ao convívio saudável e à interação com os pais, à oferta de recursos no ambiente físico e à ausência de condições adversas na vida pessoal e familiar da criança.

### **BASES SOCIOINTERACIONISTAS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

Para a postura sociointeracionista os fatores sociais, culturais e interacionais estão na base do processo de aquisição da linguagem. Assim, segundo essa abordagem, “a interação social e a troca comunicativa entre a criança e seus interlocutores são vistas como pré-requisito básico no desenvolvimento linguístico” (Scarpa, 2001, p. 214).

A linguagem, portanto, se constitui como uma produção sociohistórica humana, materializada em sistemas de signos, que permite a integração com o ambiente e a interação entre pares. Conforme Tomasello (2003, p.131-132), a linguagem “é uma instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes”. A internalização das ferramentas e símbolos culturalmente acumulados capacita os sujeitos a lidarem com os mundos físico e social.

Mais que isso, segundo postulados vygotskyanos, o pensamento e as funções mentais superiores (memorização, atenção voluntária, comportamento intencional, ações conscientemente controladas, associações, comparações, planejamento) se desenvolvem em um movimento do interpessoal para o intrapessoal. Esse movimento do social para o individual marca a gênese da própria linguagem, bem como das práticas intelectuais para as quais a linguagem serve de mediadora. Logo, a aquisição da linguagem, oral e escrita, é um dos múltiplos aspectos do desenvolvimento psíquico da criança (VYGOTSKY, 1993).

Para transformar as funções elementares do psiquismo em funções mentais superiores, o indivíduo instrumentaliza-se dos signos culturais para ir significando-se enquanto sujeito ativo, nesse processo de desenvolvimento. A esse respeito, Bronckart salienta:

É, portanto, a produção languageira que, introduzindo proposições negociáveis de correspondência formal entre sinais e acontecimentos, permite ao organismo humano transformar suas representações idiossincráticas do mundo em representações compartilhadas, controláveis e contestáveis pelos “outros”, ou seja, em representações racionais (Bronckart 2006, p. 75).

No fluxo desse pensamento, as crianças aprendem uma língua no contínuo das interações sociais às quais são submetidas, concomitantemente, aprendem a cultura

perpetuada por seus predecessores ao longo do tempo histórico. Nesse caso aprender uma língua materna é aprender os seus usos e o material significativo atrelado a esses usos.

Nesse sentido, apresentar dificuldades no ler ou escrever é não ter se apropriado plenamente das práticas sociais de leitura e de escrita. Já nos referimos que desde o nascimento as crianças desenvolvem-se em interação com as pessoas de seu convívio social, entrando em contato com seus costumes, valores e crenças. Do mesmo modo, de acordo com Lemos (2009), mantêm contato também com a escrita, que não é uniforme nos diferentes grupos sociais, pois em alguns lares a criança, desde pequena, tem a oportunidade de manusear livros, tem acesso a jornais ou revistas, escreve bilhetinhos ou cartinhas com e para os pais, ou seja, percebe e vivencia essa função social. Diferentemente, outras crianças não possuem esse estímulo. Nas suas casas não há livros, revistas ou jornais. Os pais não leem ou escrevem no seu cotidiano.

Segundo Rojo (1998, p. 123), o desenvolvimento da linguagem escrita e da leitura, isto é, o processo de letramento da criança, aqui entendidos como estado ou condição da criança em relação à apropriação das práticas sociais de leitura e escrita, dependem, do grau de letramento da instituição familiar a que pertence – logo, da maior ou menor presença em seu cotidiano, de práticas de leitura e escrita.

Mas, os autores deixam claro que o acesso da criança ao material escrito não é suficiente para o seu domínio. A natureza das relações estabelecidas entre os adultos e a criança, mediadas de alguma forma pela escrita, pode resultar, ou não, no reconhecimento dessa modalidade de linguagem como elemento constitutivo dos vínculos e papéis sociais.

Portanto, mecanismos que comprometam as relações de interação pais-filhos, como discórdia conjugal ou familiar, afetam negativamente o desenvolvimento socioemocional do infante, interferindo diretamente no desempenho escolar. Contrariamente, um contexto social em que há envolvimento dos pais, na forma de interação e compartilhamento das atividades, promove autoconfiança e interesse ativo em aprender a instrução formal (MARTURANO, 1999).

Ademais, segundo a autora imediatamente supracitada, quando a criança fracassa no processo de ensino-aprendizagem, a escola, que em princípio poderia promover mecanismos protetores, aparece como instância que contribui para aumentar a vulnerabilidade do sujeito. Sobressai, conseqüentemente, a influência do ambiente familiar como a principal fonte de recursos que a criança dispõe para lidar com os desafios do processo de integração à escola e, paralelamente, à sociedade.

Nota-se, então, a importância da natureza das relações entre adulto e criança, mesmo que estabelecidas prioritariamente pela oralidade. Isso implica, também, considerar que as

experiências com a linguagem oral participam de maneira decisiva nesse processo, uma vez que determinam a forma como a criança se constitui enquanto sujeito do discurso (condição para o domínio da leitura e da escrita). É também a partir dela que a escrita/leitura se constitui enquanto processo de significação e, como tal, objeto de interesse pela criança.

Mas, já nos diziam Ferreiro & Teberosky (1999), a leitura não pode ser encarada como um mecanismo pedagógico de correspondência entre o oral e o escrito, uma associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos; do mesmo modo, que a escrita não é cópia passiva dos modelos do mundo adulto. O mínimo que pode se dizer é que isso é insatisfatório para compreensão do processo de aquisição.

Diante da gama de indicadores envolvidos, o quadro delineado não pode ser visto isoladamente como um problema de ordem tão-somente pedagógica, ou unicamente de causa socioeconômica, ou como uma dificuldade individual de cunho somático. Ao contrário, deve ser abrangido dentro de uma concepção sistêmica de desenvolvimento da criança a qual devem somar-se fatores orgânicos, sociais, cognitivos, afetivo-comportamentais e funcionais.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Conforme vimos relatando, os aspectos ambientais e familiares parecem não ficar fora das salas de aula, interferindo de maneira positiva ou negativa o processo de aprendizagem do aluno. Considerando essa questão, partimos do pressuposto de que o envolvimento parental e a organização do lar em geral tem impacto direto no desempenho escolar do sujeito. Portanto, objetivamos com essa pesquisa verificar a incidência de variantes ambientais familiares no processo de aquisição de linguagem escrita/leitura. Isso significa contemplar fatos simultâneos, ou seja, o funcionamento sincrônico dos elementos constitutivos do processo.

O desafio, então, é olhar para as dificuldades de aquisição da escrita/leitura não se prendendo apenas aos esquemas cognitivos necessários à construção de novos conhecimentos, mas considerando a dimensão subjetiva do sujeito que aprende. Principalmente porque estudos têm demonstrado que a maioria das crianças encaminhadas para avaliações neuropsicológicas está dentro dos escores considerados normais, não existindo, assim, comprometimento cognitivo, perceptivo ou neurológico que possa ser apontado como fator responsável pela não aprendizagem.

Assim sendo, esta investigação foi conduzida em uma clínica-escola de psicologia onde foram analisadas oito entrevistas de anamnese<sup>126</sup> com famílias de crianças encaminhadas

---

<sup>126</sup> Entrevista semiestruturada realizada pelo profissional de saúde ao paciente com a intenção de reconstruir a história do sujeito e de ser ponto inicial ao diagnóstico.

para serviço de psicologia clínica por motivo de dificuldades na aquisição de escrita/leitura, cujos envolvidos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando participação neste estudo. Todo e qualquer dado de identificação foi preservado a fim de garantir confidencialidade aos sujeitos abrangidos.

Na entrevista de anamnese puderam ser obtidos os dados demográficos das famílias, bem como informações relevantes sobre três variáveis: 1) envolvimento e interação parental; 2) presença de recursos no ambiente físico; e 3) eventos adversos na vida pessoal e familiar da criança. A presença ou ausência dessas variáveis foi considerada como significativa para a ocorrência ou não de dificuldades de escrita e de leitura e objeto de análise e discussão de natureza qualitativa e interpretativa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados demográficos pesquisados apresentam uma caracterização da amostra quanto ao sexo, idade, escolaridade, *status* socioeconômico e composição familiar básica. A tabela abaixo discrimina esses números.

	Variantes	Valor bruto	Percentual
<b>Sexo</b>	Masculino	05	62,5%
	Feminino	03	37,5%
<b>Idade</b>	7-8 anos	04	50,0%
	9-10 anos	03	37,5%
	11-12 anos	01	12,5%
<b>Escolaridade</b>	1º ano	02	25,0%
	2º ano	03	37,5%
	3º ano	01	12,5%
	4º ano	01	12,5%
	Não estuda	01	12,5%
<b>Status socioeconômico</b>	Até 1 salário mínimo	02	25,0%
	1-2 salários mínimos	04	50,0%
	2-3 salários mínimos	01	12,5%
	Mais de 3 salários mínimos	01	12,5%
<b>Composição familiar</b>	Apenas a mãe	02	25,0%
	Apenas o pai	01	12,5%
	Pai e mãe biológicos	01	12,5%
	Pai e mãe adotivos	01	12,5%
	Pai e mãe substitutos	03	37,5%

Tabela 1 – Caracterização da amostra

Em uma análise dos dados demográficos podemos perceber que 62,5% das crianças abrangidas nesse estudo são do sexo masculino, enquanto que apenas 37,5% são do sexo feminino. Esses dados corroboram as pesquisas desenvolvidas sobre o tema (MARTURANO, 1999; FERREIRA e MARTURANO, 2002; SANTOS e GRAMINHA, 2006) que retratam a incidência maior de dificuldades de leitura e escrita em sujeitos do sexo masculino.

Também foram observadas as idades e séries para uma caracterização do nível de atraso escolar dessas crianças. As idades variaram entre 07 e 12 anos e todos os sujeitos são alunos do ensino fundamental, do 1º ao 4º ano, exceto um que não frequentava escola. Computando-se a diferença entre a série cursada e a esperada a partir da idade da criança, constatamos uma variância entre um e dois anos de atraso em 71,4% dos indivíduos que frequentavam a escola. Esse dado aponta que as crianças que demandam atendimento psicológico, em geral, já chegam ao serviço com um déficit idade-série. Isso pode ser relevante, pois demonstra que indicadores afetivos só passam a ser considerados quando esgotadas as tentativas de ordem pedagógica e excluídas as desordens somáticas.

Quanto às condições socioeconômicas das famílias investigadas, os serviços oferecidos pela clínica-escola de psicologia destinam-se, fundamentalmente, à comunidade carente, aos sujeitos que não têm acesso a um trabalho psicoterapêutico em consultórios particulares e que procuram a rede pública de atendimento à saúde mental. Isso pode ser evidenciado nessa pesquisa, haja vista que 75% das famílias entrevistadas recebem menos que dois salários mínimos.

No que diz respeito à composição familiar, percebemos a falência da família nuclear composta por pai, mãe e filhos. Esse arranjo compõe a realidade de apenas uma das famílias pesquisadas. Num retrato amplo da realidade que se apresentou para nós, as crianças convivem apenas com um dos genitores ou com pais e mães adotivos ou substitutos (a despeito de avós, tios ou parentes de outra ordem).

Esse indicador encontra-se intimamente relacionado à variável *envolvimento e interação parental* pesquisada. O que pudemos constatar é que, em geral, as crianças que apresentam dificuldade de aquisição da linguagem escrita e de leitura não convivem ou desempenham atividades juntos aos pais. Algumas porque, por motivos diversos, desde cedo foram privadas desse convívio, passado a reconhecer como figuras parentais outros entes, tais como avós ou tios. Outras porque a jornada de trabalho diária dos progenitores impede uma interação mais próxima entre pais e filhos, especialmente quando habitam o lar com apenas um deles, pai ou mãe.

Quando na companhia de pais substitutos, temos constatado que as crianças são sentidas pelos adultos como um fardo, um empecilho. De tal maneira, ficam relegados à própria sorte, privados de um envolvimento mais íntimo, de uma relação de bem-querer vivenciada essencialmente no contato com os pais. Isso reflete também na organização da rotina diária (o que fazem quando não estão na escola, tarefas domésticas, supervisão da lição de casa, etc.), que nesses casos inexistente ou é demasiadamente rígida e autoritária.

Como reforça Tomasello (2003), a aprendizagem de símbolos linguísticos passa, essencialmente, pela participação dos adultos. Seja para a aquisição da linguagem oral ou escrita, é pelo engajamento colaborativo que as crianças aprendem a internalizar, sob a forma de representações cognitivas dialógicas, os símbolos linguísticos e as perspectivas dos adultos e a utilizá-los para mediar sua compreensão do mundo e da cultura humana. Ceceadas desse convívio, de alguém que lhe forneça sua fundamentação sociocognitiva com afinco, a criança apresentará dificuldades na incorporação da linguagem escrita enquanto instituição social.

Ainda, ante o insucesso escolar, o ambiente familiar é a principal fonte de recursos a que a criança pode recorrer para lidar com os desafios de integração à escola e à sociedade. Se esse ambiente não lhe oferece um suporte emocional, acaba por alargar sua situação de vulnerabilidade social.

Com relação à *presença de recursos no ambiente físico*, consideramos que a disponibilidade de subsídios materiais como televisão, computador, livros, jornais, revistas, oferta de brinquedos e/ou outros materiais promotores de desenvolvimento são de suma importância para as habilidades de linguagem. Instrumentos de comunicação, informação e aprendizagem em um mundo contemporâneo plural, polifônico e policrônico.

Para Vygotsky (1991), o brinquedo, em especial, exerce enorme influência na promoção do desenvolvimento infantil. Para ele, o termo brinquedo refere-se ao ato de brincar, à atividade. Embora mencione modalidades diferentes de brinquedos, como jogos esportivos, seu foco é o estudo dos jogos de papéis ou brincadeiras de faz-de-conta, típicas de crianças que aprendem o sistema de signos e, portanto, já são capazes de representar simbolicamente e envolver-se em situações imaginárias. A imaginação é uma função da consciência que surge da ação. É atividade consciente, um modo de funcionamento psicológico especificamente humano. Essa perspectiva nos remete à concepção de sujeito cognoscente, proposta por Ferreiro & Teberosky (1999). Um sujeito que aprende a partir de suas ações sobre o mundo e que constrói suas categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza os mundos físico, social e subjetivo.

Por outro lado, o contato com livros, revistas, gibis e outros tipos de textos possibilita ao sujeito a vivência com a função social da escrita. Segundo o pensamento vygotskyano, a exposição a ferramentas desse complexo sistema de signos fornece paulatinamente à criança a apreensão de um novo instrumento de pensamento, permite outra forma de acesso ao patrimônio cultural da humanidade e promove novas formas de relacionamento com as outras pessoas e com o conhecimento.

Mas, como já mencionado, Rojo (1998) deixa claro que o acesso da criança ao material escrito não é suficiente para o seu domínio. A natureza das relações estabelecidas entre os adultos e a criança, mediadas de alguma forma pela escrita, pode resultar, ou não, no reconhecimento dessa modalidade de linguagem como elemento constitutivo dos vínculos e papéis sociais.

O que verificamos nas entrevistas de anamnese é que, em decorrência da baixa condição socioeconômica das famílias pesquisadas, a oferta de recursos promotores de desenvolvimento também é escassa. Sobretudo, inexistente ou é muito insólita a cultura da leitura e da escrita nos lares abrangidos por esse estudo, bem como as interações estabelecidas entre pais e filhos.

Por último, quanto aos *eventos adversos na vida pessoal e familiar da criança*, foi percebido que todas as famílias apresentam alguma condição de risco psicossocial para a criança: alcoolismo, depressão, discórdia conjugal, problemas com polícia ou justiça, enfermidade grave; e/ou o próprio infante, concomitantemente ao baixo rendimento escolar, apresenta algum tipo de problema comportamental: agressividade, inibição, impulsividade, delinquência.

Esses fatores estressantes estão em estreita relação com o rendimento acadêmico do sujeito, conforme comprovam os estudos de Ferreira e Marturano (2002), assim como os de Santos e Graminha (2006). Essas circunstâncias adversas acabam por expor as crianças a uma situação de instabilidade emocional e risco social, prejudiciais à qualidade do desempenho escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma associação positiva entre dificuldades de aquisição da linguagem escrita e de leitura e desajustes no ambiente familiar pode ser comprovada pelos dados levantados nessa pesquisa. Os resultados sugerem que a aquisição da linguagem escrita/leitura está substancialmente atrelada ao convívio saudável e à interação com os pais, à oferta de recursos no ambiente físico e à ausência de condições adversas na vida pessoal e familiar da criança. Entretanto, os limites dessa pesquisa permitiram apenas detectar relações de co-ocorrência entre as variáveis observadas e as dificuldades de aquisição da linguagem escrita e de leitura, sem no entanto delinear relações mais efetivas de causalidade.

Mas algumas insinuações ante os resultados podem ser descritas. Primeiramente, a necessidade de se considerar os recursos do ambiente familiar (condição socioeconômica, envolvimento dos pais e outras situações adversas) como indicadores de implicação no mau desempenho em leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem de línguas e no desempenho global da criança. Segundo, que um acompanhamento psicológico pode ajudar a

minimizar os danos causados pelos estressores emocionais que corrompam o desenvolvimento satisfatório das habilidades de linguagem. Por último, o procedimento de entrevista de anamnese possibilita (e deve ser planejada para possibilitar) uma pesquisa abrangente sobre desordens de ordem pessoal e familiar relacionadas com o motivo manifesto da procura por atendimento, no caso, o baixo rendimento escolar na aquisição de escrita e leitura.

Esperamos, com esses resultados, munir profissionais dos dois campos do saber implicados de informações adicionais sobre um processo complexo, que é o campo das dificuldades de aprendizagem das habilidades de linguagem. Não por menos, a aquisição da linguagem escrita/leitura representa um salto no desenvolvimento da pessoa e provoca uma mudança radical das características psicointelectuais e nas relações sociais do sujeito.

## REFERÊNCIAS

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 15, n.1, p.35-44, 2002.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LEMOS, C. T. G. Como experiências de leitura e escrita vivenciadas pelo adulto e pela criança interferem no processo de aquisição da linguagem escrita por parte da criança? In: BERBERIAN, A. P. e BERGAMO, A. *Psicogênese das linguagens oral e escrita: letramento e inclusão*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.

MARTURANO, E. M. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.15, n.2, p.135-142, 1999.

ROJO, R. H. R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SANTOS, P. L. e GRAMINHA, S. S. V. Problemas emocionais e comportamentais associados ao baixo rendimento acadêmico. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v.11, n.1, p.101-109, 2006.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-230.

SILVA, C. L. C. *A criança na linguagem – enunciação e aquisição*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2009.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.